

ATAQUES A MILITARES

Um barril de pólvora que explodiu num crime bárbaro

Palco de assassinato de militar, multiétnica Woolwich sofre com desemprego



REUTERS/24-5-2013

Na berlinda. Uma mulher e uma criança chegam para as orações da sexta-feira numa mesquita de Woolwich: vida e economia precárias em comunidade multiétnica

VIVIAN OSWALD  
Correspondente  
vivian.oswald@oglobo.com.br

**-LONDRES-** Diante das milhares de flores e mensagens depositadas em frente à esquina da Rua John Wilson, onde um soldado britânico foi brutalmente executado a golpes de facão e cutelo na quarta-feira, Stuart não escondia a revolta com o crime que chocou o Reino Unido e deixou o bairro de Woolwich de luto. Enquanto procurava um espaço desocupado no gradil para prestar a sua homenagem ao fuzileiro Lee Rigby, amigo de um amigo, reclamou da precariedade da região e disse ao GLOBO que a falta de oportunidade abre caminho para a radicalização dos jovens.

— Ninguém imagina que, depois de servir no Afeganistão, a pessoa não esteja segura em casa. Isso não é justo. As condições econômicas aqui expõem os jovens ao discurso de loucos radicais — disse este militar reformado, membro da entidade pacifista Veteranos pela Paz, pedindo para ser identificado por um nome fictício na reportagem.

Woolwich, parte da região administrativa de Greenwich, famosa pelo meridiano de mesmo nome, é um potencial barril de pólvora. Um indício é a forma particularmente cautelosa como autoridades e especialistas vêm lidando com o assassinato em plena luz do dia. Evitam pronunciar-se oficialmente ou especular sobre os motivos do crime. Tampouco se aventuram a tirar conclusões peremptórias que vinculem esta ou aquela comunidade étnica ou religiosa. Procurada pelo GLOBO, a Universidade de Greenwich, como passou a ser chamada a antiga Politécnica de Woolwich, não quis dar entrevistas. A assessoria de imprensa informou que, até segunda ordem, esta é a posição da instituição. Pelo menos até que se esclareça o que ocorreu ali.

DORMITÓRIO DOS QUE TÊM EMPREGO

Cidade-dormitório para aqueles que têm a sorte de conseguir emprego em Londres, Woolwich está longe de se parecer com a abastada capital britânica. Os prédios são precários e o comércio, mais que popular. Dos 245.586 habitantes, segundo o censo de 2011, 33% da população de Greenwich pertencem a minorias étnicas. Ao todo, 72% são nascidos no Reino Unido; muitos destes, apesar de tecnicamente britânicos, não deixam de ser vistos como imigrantes pelo conjunto dos londrinos.

Nesta verdadeira Babel, de população equivalente à de Petrópolis, falam-se nada menos que 197 idiomas. As diferenças não estão restritas à cor da pele ou à língua: 14% da população economicamen-

Números

33%

Da população de Greenwich, área da qual Woolwich representa a maior parte, é de negros e comunidades de minorias étnicas

28%

Dos habitantes da região são nascidos fora do Reino Unido

14%

Da população economicamente ativa não têm nenhum tipo de qualificação

33%

Dos moradores não possuem emprego formal

21%

É o crescimento populacional esperado para 2021, constituído principalmente de imigrantes

197

Idiomas são falados pelos moradores de Greenwich



REUTERS/24-5-2013

Tributo. Britânicos colocam flores em homenagem ao soldado Lee Rigby, morto em Londres

te ativa não têm qualquer qualificação. Quase um terço não possuem emprego.

— Esta parte de Londres foi esquecida pelas autoridades durante muito tempo. Ninguém se preocupa com a criminalidade. É muito frustrante que, agora, quando a vida parecia melhorar um pouco, depois que a praça do centro foi reformada, dois monstros façam uma coisa dessas — disse Meredith, que trabalha num café ao lado da estação Woolwich Arsenal, e tampouco quis se identificar. Na principal rua do centro, o funcionário da loja de eletrônicos concorda com a avaliação de que o desemprego acaba promovendo a violência.

— Há violência. A nossa loja foi roubada duas vezes, e o vizinho que vende móveis, três. Mas nada se compara ao que vimos na quarta-feira — afirmou.

Dois dias depois do assassinato, o policiamento já havia diminuído outra vez, e os helicópteros sumiram do céu cinzento e chuvoso. Sobraram alguns repórteres de TV e o medo. Mohamed, vendedor da loja de malas de High Street, testemunha que o comércio continua parado:

— As pessoas estão com medo de vir para o centro do bairro. Não dá para voltar à vida normal de uma hora para a outra.

Jornais britânicos especulam que os dois assassinos, presos desde o dia do crime, estariam atrás de uma vítima há algumas semanas. Uma testemunha ouviu pelo “London Evening Standard” disse ter sido abordada por um deles, confundida com um membro do Exército.

Woolwich — onde foi fundado o clube de futebol Arsenal, em 1886 — tem história de longa data com as Forças Armadas e é, até hoje, um dos redutos dos militares enviados ao Iraque e ao Afeganistão.

— Eu lutei no Afeganistão e em outros lugares que ninguém sabe, porque o go-

verno não diz. Mas está tudo errado. Tanto a nossa forma de lidar com essas guerras, como a desses radicais muçulmanos de cooptar esses garotos — disse Stuart.

A presença militar nessa região remonta ao século XVIII. No século XXI, o bairro é palco de uma combinação explosiva, ambiente propício para o aparecimento espontâneo dos extremistas conhecidos por “lobos solitários”. De um lado, uma comunidade multirracial, discriminada, que convive com altas taxas de desemprego, sobretudo entre os jovens. E, no mesmo espaço geográfico, os numerosos membros das Forças Armadas que, desde os anos 90, atuaram em controvertidas campanhas militares em países muçulmanos.

M15 TERIA TENTADO RECRUTAR SUSPEITO

Em Woolwich, há centros de convivência para tentar integrar as diversas comunidades. Dados do governo estimam que a população deve crescer 21% até 2021.

Harriet não escondia as lágrimas ao pôr flores em homenagem ao soldado morto. Ao lado do buquê, uma mensagem lembrava Mahatma Gandhi: “Olho por olho, dente por dente, o mundo acabará cego”.

Ontem, a polícia britânica prendeu mais três pessoas relacionadas ao assassinato do soldado. Com 21, 24 e 28 anos, são suspeitos de uma conspiração para planejar o crime.

Também no sábado, um amigo de infância de Michael Adebolajo afirmou que o serviço de inteligência britânico M15 tentou recrutar o suspeito seis meses antes do atentado. Em entrevista à BBC, Abu Nusaybah contou que notou mudanças depois que o amigo foi ao Quênia, ano passado. Nusaybah foi preso ainda no prédio da BBC. Mas a prisão não tem relação com a morte do soldado Rigby, disseram autoridades, sem dar detalhes. ●

Crise é combustível para nova onda de xenofobia na Europa

Cenas de violência em Estocolmo e Londres reforçam temor de choques entre imigrantes e nacionalistas

DEBORAH BERLINCK  
Correspondente na Europa  
deborah.berlinck@oglobo.com.br

**-GENEIRA-** Crise de identidade, economia em queda e desemprego são alguns dos ingredientes de uma nova onda de xenofobia e nacionalismo na Europa, alertam analistas. A imagem de um homem com uma faca nas mãos cheias de sangue justificando, diante de uma câmera e em nome do Islã, o assassinato de um soldado britânico em plena luz do dia em Londres, e as cenas da violenta revolta de jovens da periferia (na sua maioria imigrantes ou filhos da imigração) na pacata Suécia reforçam o temor.

O pesquisador do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (Iris) Jean-Yves Camus teme o crescente sentimento contra o Islã na Europa:

— Acreditamos por décadas que os muçulmanos que fazíamos vir à Europa para fazer nossas economias funcionarem voltariam um dia a seus países. Vocês no Brasil sabem: quando os imigrantes chegam, eles ficam, na sua maioria. E hoje eles reivindicam uma vontade de expressão religiosa própria.

A brutalidade do crime cometido em Londres por Michael Adebolajo, de 28 anos, que matou o soldado britânico Lee Rigby, de 25 anos, em nome do Islã, terá um impacto na visão dos europeus sobre os muçulmanos. E a imigração.

— A barbárie do ato cometido, a reivindicação islamista (do criminoso) e o fato de que é um ato que pode acontecer em qualquer lugar, não vão ajudar as relações intercomunitárias e o modo como o Islã está sendo percebido pelos europeus certamente. É um enorme problema, inclusive para a maioria dos muçulmanos, que são pessoas completamente pacíficas — prevê o pesquisador.

O QUE CONTA É A ASSIMILAÇÃO

Numa reunião no Parlamento europeu no início do ano, deputados chamaram a atenção para o aumento da xenofobia e islamofobia nas democracias europeias atingidas pela crise. Yves Bertoncini, secretário-geral do centro de pesquisa Notre Europe, porém, prefere não aderir ao alarmismo.

— Temos que ser prudentes e estar atentos. A extrema-direita ou a extrema-esquerda podem continuar progredindo, mas não vejo um partido de extrema-direita tomando o poder em nenhum país da Europa — disse Bertoncini.

Xenofobia e extremismos estariam progredindo por uma conjunção de fatores: crise de identidade, econômica e cultural na Europa. Mesmo os alemães, que vão relativamente bem, sentem a pressão econômica sobre o continente e seu modelo social, diz Bertoncini. No plano cultural, a Europa precisa se abrir à imigração, porque sua população envelhece, mas a crise econômica fez com que a tensão com os imigrantes aumentasse. No plano político, a construção de uma união na diversidade ficou mais complicado com a crise na zona do euro.

Ao contrário de Camus, ele minimiza a questão religiosa. E cita casos de ídolos do futebol francês filhos de imigrantes, como o o craque do futebol Zinedine Zidane (de origem argelina), ou muçulmanos, como Franck Ribéry, um convertido. Ninguém na França se importa com isso. O que conta não é a origem ou a religião, mas a assimilação.

— Zidane é um francês perfeito. Mas quando há bairros desfavorecidos nas periferias e crise econômica, a integração não funciona por conta do social. Podem haver fenômenos religiosos, mas o essencial é social — insiste.

CRESCER A PERCEPÇÃO DE INCOMPATIBILIDADE

Bertoncini diz que a discriminação e o racismo sempre existiram na Europa, mas ganham força em períodos de crise. Ele diz que os verdadeiros extremistas islâmicos no continente se resumem a “alguns milhares” e estão, na maioria, sob controle.

Já Camus acha que a crise não explica tudo. Para ele, há uma percepção cada vez maior de incompatibilidade entre muçulmanos e o continente cristão. — Há cada vez mais gente que pensa que, no fundo, o Islã é incompatível com a civilização europeia — diz.

E, ao contrário do Brasil ou dos EUA, o modelo de integração europeu é de assimilação:

— Quando você vem para a França, torna-se francês e unicamente francês. Você não é ítalo-francês ou franco-japonês. Nesse modelo, há a vontade de que as pessoas esqueçam sua identidade.

Mas a crise pode ser um peso a mais:

— A crise cria insegurança na mente dos europeus, que veem o continente que dominou a História durante séculos perdendo sua primazia, sobretudo em relação a países emergentes, e o Brasil é um deles. É algo difícil de aceitar para um povo que sempre se considerou o centro da História — avalia.

No meio deste coquetel de crise, sentimento anti-Islã e imigração, a extrema-direita vai abrindo espaço. Na Suécia, chamam-se Democratas Suecos e estão em terceiro lugar nas sondagens antes das eleições de 2014. Na última semana, muitos assistiram, chocados, à eclosão de violência nas periferias de Estocolmo. Jovens revoltados com o que chamam de racismo e esquecimento foram às ruas queimar carros depois que um imigrante de 69 anos foi morto por um policial em Husby.

— Uma periferia sueca com mais de 80% de população estrangeira é um gueto onde há menos acesso ao emprego — diz Camus. ●